

Espiritualidade cristã na pós-modernidade

Ildo Perondi

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor

Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

Vice-reitor

José Ivo Follmann, SJ

Instituto Humanitas Unisinos

Diretor

Inácio Neutzling, SJ

Gerente administrativo

Jacinto Schneider

Cadernos Teologia Pública

Ano V – Nº 41 – 2008

ISSN 1807-0590

Responsável técnica

Cleusa Maria Andreatta

Revisão

André Dick

Secretaria

Camila Padilha da Silva

Editoração eletrônica

Rafael Tarcísio Forneck

Impressão

Impressos Portão

Editor

Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

Conselho editorial

MS Ana Maria Formoso – Unisinos

Prof. Dra. Cleusa Maria Andreatta – Unisinos

Prof. MS Gilberto Antônio Faggion – Unisinos

Prof. Dr. Laurício Neumann – Unisinos

Prof. Dra. Marilene Maia – Unisinos

Esp. Susana Rocca – Unisinos

Prof. MS Vera Regina Schmitz – Unisinos

Conselho científico

Prof. Dra. Edla Eggert – Unisinos – Doutora em Teologia

Prof. Dr. Faustino Teixeira – UFJF-MG – Doutor em Teologia

Prof. Dr. José Roque Junges, SJ – Unisinos – Doutor em Teologia

Prof. Dr. Luiz Carlos Susin – PUCRS – Doutor em Teologia

Prof. Dra. Maria Clara Bingemer – PUC-Rio – Doutora em Teologia

Prof. MS Maria Helena Morra – PUC Minas – Mestre em Teologia

Prof. Dra. Maria Inês de Castro Millen – CES/ITASA-MG – Doutora em Teologia

Prof. Dr. Rudolf Eduard von Sinner – EST-RS – Doutor em Teologia

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Instituto Humanitas Unisinos

Av. Unisinos, 950, 93022-000 São Leopoldo RS Brasil

Tel.: 51.35908223 – Fax: 51.35908467

www.unisinos.br/ihu

Cadernos Teologia Pública

A publicação dos Cadernos Teologia Pública, sob a responsabilidade do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, quer ser uma contribuição para a relevância pública da teologia na universidade e na sociedade. A teologia pública pretende articular a reflexão teológica em diálogo com as ciências, culturas e religiões de modo interdisciplinar e transdisciplinar. Busca-se, assim, a participação ativa nos

debates que se desdobram na esfera pública da sociedade. Os desafios da vida social, política, econômica e cultural da sociedade, hoje, especialmente, a exclusão socioeconômica de imensas camadas da população, no diálogo com as diferentes concepções de mundo e as religiões, constituem o horizonte da teologia pública. Os Cadernos Teologia Pública se inscrevem nesta perspectiva.

Espiritualidade cristã na pós-modernidade

Ildo Perondi

1 Como rezar em terra estranha?

No exílio da Babilônia, à beira dos rios, o povo se perguntava: “Como podemos cantar um canto ao Senhor em terra estranha?” (Sl 137,1). É o que nos perguntamos muitos de nós hoje. Esta é também a angústia de tantas pessoas que passaram pelo período da militância durante e após o regime militar. Mas sobretudo de quem vivenciou o florescimento de um cristianismo engajado nesta querida América Latina. É o questionamento que nos fazemos agora vivendo neste período da pós-modernidade.

Estamos passando por um período difícil. Não é como o exílio na Babilônia; não é o período de perseguição, como sofreram as primeiras comunidades cristãs; nem é a noite escura da Idade Média; também não

estamos mais diante da dureza da ditadura militar... O período que vivemos é outro, é diferente, embora tenha um pouco de todas as dificuldades destes tempos estranhos que o povo de Deus já viveu em seu peregrinar histórico.

Parafraseando a célebre afirmação “navegar é preciso”, hoje também temos que dizer: Continuar sonhando é preciso! Ter espiritualidade é preciso! Ter esperança é preciso... Enfim, precisamos caminhar em meio à esta noite ainda que seja escura, pois podemos estar diante daquilo que nos ensina um velho provérbio chinês: “Quando a noite é tão escura que não consegues enxergar nem sequer o teu nariz, esteja certo, o nascer do sol está perto”. É no aqui e agora da nossa história que “devemos mostrar a todos as razões da nossa esperança”

(1Pd 3,15), se quisermos de fato viver e testemunhar a nossa fé cristã; é no meio desta geração que “devemos brilhar como as estrelas” (Fl 2,15), nos ensina o Apóstolo Paulo.

A espiritualidade é necessária. É ela que nos move, que nos liga e relaciona com o Criador do qual recebemos a graça e a força para continuarmos vivendo e caminhando, respondendo ao mais profundo do nosso chamado. A espiritualidade nos coloca em sintonia e em relação com toda a Criação e com o Criador. É a espiritualidade que nos possibilita estar em comunicação, em atitude de abertura diante das coisas novas que a atual conjuntura nos proporciona.

2 Que mundo é este?

Estamos em crise. E que crise! A pós-modernidade nos pegou de surpresa. Não fomos preparados e educados para viver neste tipo de mundo. E, enquanto nos preparamos para viver o presente, vemos que ele é fugaz. As mudanças ocorrem em todos os níveis da sociedade, às vezes tão difíceis de serem absorvidas e conceituadas, porque tudo é tão veloz e passageiro. A velocidade é tanta que “tudo passa como se as mudanças, agora, fossem

mais rápidas do que o pensamento” (Guilebaud). O futuro é tão rápido que se confunde com o presente.

Como afirmava o autor de Eclesiastes, parece que “tudo é fugaz” (Ecl 1,2). A palavra hebraica é *hebel* e significa sopro, vento ligeiro, névoa, hálito etc., o que sugere a idéia de inconsistência, vazio, inutilidade... Significa que tudo acaba, tudo é inútil e, utilizando uma categoria moderna, podemos dizer que “tudo é sem sentido”. Assim como Coélet, entramos em choque com aquele dado que parece ser o ponto central da sua descoberta de sábio, que é “nada serve a nada”, tudo é nada, tudo “é correr atrás do vento” (Ecl 1,11.17).

As inovações tecnológicas são cada vez mais surpreendentes e fantásticas; basta ver os avanços da nanotecnologia e dos semicondutores. Tudo o que era grande cabe agora em minúsculas partículas. A cada dia, estamos diante de novas descobertas, magníficas, e, quando mal nos acostumamos com elas, já estão superadas, e surge algo novo em seu lugar. Somos uma geração que vimos nascer e desaparecer coisas.

A sociedade da era da globalização está fragmentada, diversificada e dividida. Valores que foram considerados imutáveis por tantas décadas hoje são questionados e até relativizados. As relações entre as pessoas também são fragilizadas. Virtual e real se confundem: po-

demos estar “perto” de pessoas distantes (e que nunca vimos) e “distantes” daquelas pessoas que estão ao nosso lado. Vivemos a época do pluralismo, da diversidade, da transversalidade... Estamos saindo de uma visão antropocêntrica do universo, onde o homem era o centro de tudo, e estamos caminhando para uma nova fase que ainda não sabemos bem como será. Enfim, não é fácil definir bem o que é esta época da pós-modernidade. Porém, como nos ensinou Jesus, devemos estar atentos “aos sinais dos tempos”.

O novo milênio que começou não trouxe uma era de paz como se esperava. Ao contrário, as guerras continuam e estas também estão mais sofisticadas. As tecnologias modernas são também armas de guerras, sobretudo em mãos das grandes potências. A violência e a insegurança estão em toda parte... “O Haiti é aqui”, cantava uma canção, com toda razão. O ser humano – quando pode – se enclausura em apartamentos ou condomínios fechados. Mas, para a maioria da população, a violência está em todo lugar: onde moramos, onde trabalhamos, onde estudamos, onde caminhamos, no trânsito, nos estádios... O outro (o próximo) passou a ser o nosso inimigo. E é triste constatar que, apesar de tanto avanço tecnológico, a humanidade ainda não é capaz (ou não quer)

resolver o problema da fome, da miséria e da exclusão de milhões de irmãos nossos.

No campo das lutas sociais, cito o exemplo do Cecílio, um militante cristão de muitos anos, que me dizia: “Tempos atrás era melhor. Nós sabíamos o que queríamos; sabíamos o que fazer e sabíamos onde queríamos chegar; sabíamos quem eram nossos inimigos e nossos aliados. Hoje tudo é escuro e confuso. Aqueles que estavam conosco passaram para o outro lado; os inimigos de ontem são nossos aliados hoje... Para onde ir? Mas uma coisa eu sei: não é este o mundo que eu quero; não este o mundo que Deus quer!”.

As relações de trabalho mudaram e se tornaram precárias. Quem ainda acredita que é o operariado que vai fazer a revolução? Ele está desaparecendo. O emprego é frágil, instável, inseguro... Novas relações de trabalho surgiram. Mas também o capitalismo moderno inventou novos métodos que levam trabalhadores a colaborar e competir entre si, mas trouxe também a implantação das “metas” que levam tantos à loucura.

Ao mesmo tempo, nos deparamos com a fragilidade humana. Somos frágeis e vulneráveis, mesmo com todos os avanços da medicina e das demais ciências, diante das doenças modernas que nos atingem, como a

depressão, o stress, o câncer, a dependências de drogas ou internet, a compulsividade, o vazio, a falta de sentido para a existência etc. O ser humano moderno vive a solidão, sente a desagregação dos relacionamentos coletivos. Mas também estamos diante de um ser humano que é capaz de matar o semelhante por um nada (é só olharmos a monstruosidade de alguns crimes recentes) ou daqueles que praticam a pedofilia. Diante disso, a psiquiatria e a psicologia ainda não são capazes de fazer quase nada. A morte é sempre uma tragédia que nos espera, sobretudo quando ela vem antes do tempo e de formas brutais.

E, entre avanços e perplexidades, a pós-modernidade fez emergir a autonomia do sujeito humano. As pessoas buscam a liberdade, a independência, os direitos individuais...

Mas, se tudo mudou e tudo continua mudando tanto assim, como viver a nossa espiritualidade? Ou então: como a espiritualidade cristã pode nos ajudar a viver este tempo?

3 Alguns problemas com a espiritualidade hoje

Existe uma crise na espiritualidade hoje, seja nas Congregações Religiosas, seja entre os movimentos e

pastorais. Embora necessária, a ritualização sistemática da liturgia muitas vezes engessou a oração e o relacionamento com Deus, impondo modelos fixos e formais. Tantas vezes, rezamos fórmulas prontas e não rezamos a vida; rezamos experiências dos outros e não sabemos rezar as nossas. Se, de um lado, é necessário recorrer aos textos clássicos e às experiências bem-sucedidas, é certo que torna-se também necessário fazer com que os mesmos se encarnem em nosso cotidiano, abrindo espaços para a espontaneidade e novidade.

Por outro lado, entre os militantes que se engajaram houve uma certa rejeição aos modelos fixos e muitas vezes não souberam colocar nada em seu lugar. Tantas vezes, ouvimos dizer que a luta e as nossas obras eram nossa oração. Recordo um certo mal-estar que trouxe um texto de Pedro Casaldáliga que nos pedia para rezar. Dizia ele que não podíamos confundir as coisas: “a luta é luta; a oração é oração!”. Muitas experiências (que foram belas no início) fracassaram porque as pessoas que participaram delas abandonaram a fé, a celebração e a oração. Muitos cristãos, que por causa da fé se engajaram, acabaram traindo a proposta original ou abandonando a militância porque não cultivaram a fé e a mística que lhes deu o impulso original.

Hoje, estamos diante de uma situação que mudou outra vez. Estamos num mundo consumista, onde tudo se pode comprar, onde tudo passa tão rápido, onde somos bombardeados diariamente por tantas imagens e idéias – sedutoras e enganadoras às vezes –, diante das quais não é fácil passarmos imunes. Surgiram os negociantes de Deus, como se o sagrado estivesse à venda. Constatamos o retorno, com muito vigor, da teologia da retribuição, com formas modernas de fascinação: é a idolatria do deus neoliberal.

O fundamentalismo religioso cresce no mundo. Não faltam aqueles que optaram por formas de oração alienantes (fuga do mundo), outros buscaram responder às situações difíceis da vida através da cura e libertação; outros ainda se encantaram nas vias esotéricas. E crescem os movimentos eclesiais que buscam um retorno à cristandade e chega-se até a “militarização da fé” (por exemplo: Arautos do Evangelho).

Outro fato novo, e que não podemos desprezar, são as transmissões mediáticas, os meios de comunicação, sobretudo a televisão, que se transformaram em instrumentos de evangelização e que entram nas casas das pessoas, possuindo, hoje, um número considerável de telespecta-

dores. Por um lado, há manipulação e alienação, mas, por outro, devemos constatar que são os meios modernos e eficazes por onde a graça pode atuar e que devemos utilizar para transmitir o Evangelho.

4 Onde buscar forças para continuar caminhando?

Se estas tentativas nem sempre resolveram os problemas, pelo menos nos indicam que há busca, há sede de Deus. A busca pelo divino, pelo transcendente, é também um sinal quase contraditório diante de um mundo tão moderno e que muda tanto. Significa também que em meio às mudanças, o ser humano busca por algo que seja permanente, absoluto...

É interessante verificar como entre os cristãos leigos há um forte desejo de conhecer e ler a Palavra de Deus. Creio que seja uma tentativa de resgatar o que temos de mais belo e de redescobrir as raízes da nossa fé e os exemplos daqueles que antes de nós já fizeram caminho. A Bíblia nos preservou a longa história do povo de Deus que caminhou com o Senhor e, ao mesmo tempo, daquilo que o Senhor fez pelo seu povo. Como nos recordou

Gustavo Gutiérrez, citando São Bernardo de Claraval, vemos “beber no próprio poço”.¹ A espiritualidade cristã tem sua raiz na grande história do povo de Deus a caminho da utopia (da Terra Prometida, da esperança messiânica, do Reino de Deus). É certo que a Bíblia não tem respostas e receitas prontas para a atual crise e para a nova era em que estamos vivendo. Por isso, a Bíblia por si mesma, não resolve o problema. Mas será através de uma justa e necessária interpretação da Palavra Deus que podemos encontrar luzes para o nosso caminhar.

5 Algumas características de uma espiritualidade para hoje

Creio que, num mundo pluralista e diversificado como o nosso, a espiritualidade também deverá ter muitos traços e nenhuma lista nunca será completa. Cada um de nós e cada grupo, pastoral, comunidade ou movimento deverá acrescentar o que lhe serve melhor.

Vou elencar algumas características importantes e necessárias:

5.1 Espiritualidade Bíblica

Segundo Santo Agostinho, a Bíblia é o segundo livro de Deus. O primeiro foi a vida, a grande obra da Criação, que traz estampada a mensagem de Deus. Depois, veio a palavra escrita. Ela revela o Deus conosco, presente na caminhada. Deus que faz Promessa, Aliança. Deus parceiro e presente e que diz às pessoas que escolhe e chama “Não tenha medo. Eu estarei contigo!”. Esta certeza acompanha o povo e dá força para superar as dificuldades, pois o Senhor não abandona a obra da sua Criação.

A Bíblia inicia com uma situação de caos (Gn 1,2a), que é superada pela atuação da *Ruah* divina (Gn 1,2b) e pela intervenção da Palavra de Deus: “E Deus disse...” (Gn 1,3.6.8.9.11 etc.). Esta situação de caos e superação passa toda a Bíblia. Ela nos dá a certeza que nos momentos de caos, escravidão e cruz, o Senhor está conosco! Todo o Antigo Testamento prepara e se encaminha para a utopia messiânica, o Cristo. Com razão, Pedro responde: “Tu és o Cristo!” (Mc 8,29), isto é, toda a nossa espera, todo o nosso sonho. Paulo insiste em afirmar que “Jesus é o Cristo” (At 18,5; 24,24)... Portanto, a nossa espirituali-

¹ GUTIÉRREZ, G. *Beber no próprio poço*. Petrópolis: Vozes, 1984, pg. 17.

dade deve ser enxertada dentro desta grande história do povo de Deus, por isso é cristã. A certeza de que o Senhor está conosco é que deve nos dar coragem, como deu aos discípulos de Emaús que achavam que “a nossa esperança acabou” (Lc 24,21). A frustração messiânica com a morte de Jesus provocou o caos, que só foi superado novamente pela certeza da sua presença entre eles provocando o retorno à comunidade de fé.

E se tudo muda e passa, é bom termos uma âncora segura, pois “a Palavra do Senhor permanece para sempre” (1Pd 1,15).

5.2 Espiritualidade de Jesus de Nazaré

Jesus era uma pessoa de oração. Frequentemente o encontramos em oração. Muitas vezes, afastava-se dos seus ou da multidão para subir ao monte e rezar. Vendo o exemplo do Mestre, os discípulos pediram: “Senhor, ensina-nos a rezar” (Lc 11,1). É interessante que nem sabemos qual era o conteúdo da oração de Jesus, mas sabemos que era esta relação profunda com o Pai que o alimentava. A oração de Jesus era ligada à vida; àquilo que via e vivia. Jesus rezava pedindo pelo Reino (Mt 6,10; Lc 11,2), pelos seus (Jo 17,7ss), louvava porque o projeto ia acontecendo e porque os pobres recebiam a boa nova

(Mt 11,25-27); rezava diante da dor e da cruz que se aproximava (Lc 22,42-44) etc. Portanto, Jesus continua sendo nosso modelo de espiritualidade e que nos ensina que devemos rezar sempre e rezar todas as situações da vida.

A espiritualidade de Jesus nos ajuda também a conhecer o Rosto de Deus. Ele é o Pai que acolhe, escuta, que é cheio de ternura e misericórdia para com os seus filhos... Ele é *Abbá*, Paizinho querido (Mc 14,36; Rm 8,15; Gl 4,6). Jesus nos ajuda a superar certas idéias de um Deus justiceiro ou mal humorado: “Deus é Amor!” (1Jo 4,8.16). E o amor vem de Deus (1Jo 4,7), por isso Jesus nos dá o mandamento novo “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei” (Jo 13,34) e Ele resume nisso toda a Lei: amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como si mesmo (cf. Mc 12,28-34). Hoje, torna-se necessário falar mais deste lado bom e amoroso de Deus, sobretudo para grupos excluídos e marginalizados pela sociedade (e muitas vezes também em esferas eclesiais). Soa bem saber que somos amados por Jesus e pelo Pai.

5.3 Espiritualidade do conflito e da crise

A espiritualidade deve nos levar a rezar o que estamos vivendo. Não pode ser uma espiritualidade alienante e nem nos fazer fugir do mundo. O encontro com Deus

se dá na história. É Ele que vem em socorro dos seus filhos em suas situações concretas. Nós devemos rezar nossas dores e nossos sofrimentos; rezar nossas crises e cruzes; rezar as situações reais que estamos vivendo. “Não te apresentes de mãos vazias diante de Deus” (Dt 16,16).

A nossa Espiritualidade deve ser a Moisés e não aquela de Noé. Diante das ameaças contra o povo (mesmo em estado de pecado), Moisés busca Deus, reage, defende o povo qual mãe diante da sua cria ameaçada, faz ver que o próprio Deus poderá perder: “os outros povos vão rir de você!” (Ex 32,12). Diferente do mudo Noé, que diante da ameaça obedece cegamente e só salva sua família sem dizer uma única palavra (Gn 6,5ss). Diante de Deus, não podemos ser mornos (Ap 3,15). A maioria das pessoas de fé teve crises com Deus (Abraão, Moisés, Elias, Habacuc, Jesus, Paulo, Agostinho, João da Cruz, Tereza de Calcutá etc.).

É espiritualidade da cruz, porque não existe seguimento de Jesus sem a cruz: “Quem quiser vir após mim, tome sua cruz e siga-me!” (Mc 8,34). Aqueles que buscam Jesus sem a cruz vão encontrar a cruz sem Jesus. Não que a cruz em si mesma seja boa ou libertadora. A cruz sem a

esperança da ressurreição é um inferno! A cruz é um escândalo e loucura (1Cor 1,18.23) e quem é crucificado é um maldito de Deus (Dt 21,23). Mas a cruz pode transformar-se em sinal e instrumento de libertação. Conheci Nice, uma catequista que morreu de câncer com menos de 50 anos. No seu leito de dor, ela carregava sua cruz, rezava a esperança do encontro com o Senhor. Partiu carregando consigo todo o trabalho pastoral a serviço dos pobres e necessitados.

A nossa espiritualidade, portanto, precisa ter respostas para os crucificados de hoje, como escreveu Jon Sobrino: “Deus ressuscitou um crucificado, e desde então há esperança para os crucificados da história”.²

5.4 Espiritualidade do Reino

Jesus nos ensinou: “Buscai em primeiro lugar o Reino e Deus e sua justiça” (Mt 6,33). No Evangelho de Marcos, as primeiras palavras proferidas por Jesus são o anúncio do Reino: “Cumpriu-se o tempo e o Reino de Deus está próximo” (Mc 1,15).

O Reino é a meta e nossa busca fundamental. “Cristo anuncia o Reino de Deus. Só o Reino, por conse-

² SOBRINO, J. *Jesus na América Latina*. São Paulo: Loyola, 1985, p. 220.

guinte, é absoluto, e tudo o resto se torna relativo”.³ O resto é secundário.

Por isso, não podemos ser seguidores de Jesus se não estivermos comprometidos com o Reino. Hoje se fala tanto em Jesus, mas se fala pouco do Reino. Na história, quando foi anunciado um Jesus sem o Reino, não foi construída uma sociedade melhor. Hoje, em nome de Jesus se constroem impérios econômicos e se criam divisões. Jesus sem o Reino não é o Jesus dos Evangelhos, não é o Cristo, não é a grande esperança utópica planejada pelo Pai.

Pedro Casaldáliga fala em “reinocentrismo” como chave da nossa espiritualidade.⁴ Temos de anunciar o Reino, favorecer para que ele aconteça, ver sinais do Reino como fazia Jesus, pois “o Reino já está no meio de vós” (Lc 17,21). Trabalhar para o Reino é também uma forma para dar sentido à nossa existência. Dizem que São Luiz Gonzaga diante de cada ação se perguntava: “O que vale isso para a eternidade?” (*Quid hoc ad aeternitatem?*). Afinal, por que é que viemos a este mundo? Ele será melhor ou pior depois da nossa passagem por ele? O que é que fizemos pelo Reino de Deus? Esta pode ser a pergunta que nos espera (cf. Mt 25,31ss).

³ PAULO VI. *Evangelii Nuntiandi*, n° 8.

⁴ CASALDÁLIGA, P. *Nossa Espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 2003, p. 26. CASALDÁLIGA, P. – VIGIL, J. M. *Espiritualidade da Libertação*. Petrópolis: Vozes, 1993, p. 107-115.

5.5 Espiritualidade Comunitária e Eclesial

Ainda que a espiritualidade deva trazer a marca da nossa individualidade, ela deve ser comunitária; é a espiritualidade de um povo, de uma comunidade. Nosso Deus é Trindade, é comunidade. “A Trindade é a melhor comunidade” (dizem as CEBs). Portanto, precisamos do espaço comunitário onde se celebra a vida e se renovam as promessas e os compromissos assumidos em nome da fé. É na comunidade também que celebramos e nos alimentamos da Eucaristia e que Jesus se torna presença real no meio de nós.

Num mundo em que as relações se fragmentam e rompem, é preciso recordar que o nosso Deus faz Aliança (a aliança é com outro e é redonda, não tem rompimento). Hoje, certas estruturas eclesiais se tornaram arcaicas, então é preciso construir novos espaços que favoreçam o encontro e a confraternização. O Espírito Santo certamente suscitará novos “Pentecostes”, em lugares novos, como foi no cenáculo (At 2), onde havia um grupo reunido (At 4,31) ou na casa do pagão Cornélio (At 10,1.44-48).

5.6 *Espiritualidade do Seguimento e do Serviço*

O povo de Deus foi libertado da escravidão e recebeu a missão de servir (Ex 3,12). É o compromisso assumido em assembléia (Js 24), de quem era escravo do sistema opressor e passar a servir ao Senhor: “nós serviremos ao Senhor!” (Js 24,21). Maria é a humilde “*serva do Senhor*” (Lc 1,38). Jesus é o Servo (Fl 2,6), missão assumida a partir do II Isaías (Is 40-55) e que veio para “servir e não para ser servido” (Mc 10,45). É Jesus que lava e enxuga os pés dos seus discípulos e pede que eles façam o mesmo (Jo 13,1-16). É quando servimos aos irmãos (sobretudo os mais pobres e excluídos) que nos realizamos como pessoas, que damos sentido à nossa vida, ao nosso ser cristão, porque “não há maior amor do que dar a vida pelos amigos” (Jo 15,13).

5.7 *Espiritualidade profética: da solidariedade, da utopia e da esperança*

O profetismo se caracteriza por dois verbos: denunciar e anunciar. Como fazem falta hoje as vozes proféticas em nossa Igreja! Onde estão os Profetas para gritar contra o massacre dos pobres, dos crucificados pelo capi-

talismo? Onde estão os profetas para denunciar a catástrofe ecológica provocada pelo consumismo desenfreado e a primazia do lucro, dos ricos que ficam sempre mais ricos às custas dos pobres?

Mas é também tempo de anúncio. Jesus inaugura o Reino anunciando boas notícias aos pobres e marginalizados. É preciso ir aos pobres e sofrendores para levar-lhes boas notícias, ainda que sejam pequenas gotas de água. Ser cristão é ser solidário (vem da raiz soldar, unir) com quem mais sofre, participar de suas angústias... Os pobres nunca deixarão de ser pobres sem um projeto, sem uma utopia. Foi isso que fizeram Ezequiel e o II Isaías com o povo que parecia um monte de ossos secos (Ez 37,1-11).

Um antigo provérbio nos ensina que “Nenhuma caravana jamais alcançou a utopia, mas é a utopia que faz andar as caravanas”. Como é importante uma espiritualidade que faça o povo sonhar, crer, colocar-se em marcha! É aquilo que nos lembram os Fóruns Sociais Mundiais, profetizando que “um outro mundo é possível!”

Esta espiritualidade terá ainda que ter um outro traço fundamental: a beleza! Porque este é também um traço de Deus (Ex 33,19) e que foi tanto esquecido. Com razão dizia Dostoievski: “A beleza salvará o mundo!”, e

mais recentemente o Cardeal Martini afirma: “A beleza é preferível à verdade”.⁵ Mesmo que tenhamos que crer “esperando contra toda esperança” (Rm 4,18), nós sabemos que “a esperança nunca *decepciona*” (Rm 5,5)

6 Algumas posturas da pessoa orante

Acredito que Jesus de Nazaré continua sempre sendo um exemplo a ser seguido, sobretudo no campo da espiritualidade. Ele soube se encarnar (Jo 1,14; Fl 2,6-9) e inculturar na sociedade do seu tempo, soube estar no mundo, sem ser do mundo e isto Ele também pediu aos seus discípulos (cf. Jo 17,13-19). Não se trata de imitação, mas de seguimento de Jesus. O Apóstolo Paulo pede que “tenhamos os mesmos sentimentos de Jesus Cristo” (Fl 2,5). Os sentimentos de Jesus são os mais humanos possíveis: Ele se movimenta, cresce, discerne os sinais, convida pessoas, se relaciona, organiza, tem fé e a alimenta, duvida, ora, decide, indigna-se, chora, alegra-se, enfrenta e supera as crises, mantém a fidelidade ao projeto até o fim... São alguns destes sentimentos e atitudes (sem querer encerrar a lista) que julgo necessárias para vivermos hoje a nossa fé cristã:

6.1 Orar sempre

Freqüentemente nos Evangelhos, encontramos Jesus em oração (Mt 14,23; Mc 1,35; Lc 3,21; 5,16; 6,12; 9,18; 9,28-29; 22,30.46; Jo 17,9-2 etc.). Paulo escreve à pequena e nascente comunidade cristã de Tessalônica que crescia em meio às crises de identidade e diante do poderoso império romano: “Orai sem cessar!” (1Ts 5,17). Devemos ter o espírito e atitude de oração em todos os momentos e situações da vida. Jesus pede que adoremos a Deus em “espírito e verdade” e que são estes os adoradores que o Pai procura (Jo 4,23).

6.2 Com todo o ser (corpo):

Todo o nosso ser (corpo e alma) deve fazer parte da nossa oração. São Paulo escreve aos coríntios: “vosso corpo é templo do Espírito Santo” (1Cor 6,19; 3,16-17). Aos romanos, o Apóstolo afirma: “Ofereci vossos corpos como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus: este é o vosso culto espiritual” (Rm 12,1). Portanto, devemos rezar toda a nossa vida: nossas alegrias, nossas dores, nossos sentimentos, o que fazemos e sentimos. A oração não

⁵ MARTINI, C. M. “Que cristianismo no mundo pós-moderno”. IHU *Notícias do Dia*, de 29-07-2008, citando *Jornal Avenire*, de 27.07.2008. In: www.unisinos.br/ihu.

pode ser desencarnada. Por isso, a espiritualidade é pessoal, embora não seja individualista, e também comunitária. Quem sabe rezar sua vida, sabe também rezar a vida do povo.

6.3 *Abrir-se à graça de Deus*

É próprio das pessoas que são chamadas por Deus, de sentirem-se indignas e incapazes para a missão (Moisés, Jeremias, Maria, Paulo etc.). O cristão hoje é aquele que sabe abrir-se à graça, como dizia Paulo “quando sou fraco é que sou forte” (2Cor 12,10); ou “sou o que sou pela graça de Deus” (1Cor 15,10); “vede quem sois vós, irmãos...” (1Cor 1,26); “trazemos este tesouro em vasos de barro” (2Cor 4,7)... Hoje também nos sentimos fracos e vulneráveis diante de um mundo tão sofisticado e de tantas mudanças e inovações tecnológicas. No entanto, é na nossa fraqueza que a graça de Deus encontra espaço. A noite escura da fé existiu para todos os que se aventuraram no caminho da fé: “A alma, isto é, os cristãos lançados à procura de Deus, deverão transitar por estas noites, este é o seu caminho”.⁶

6.4 *Ir ao povo*

É certo que temos de ir ao encontro de quem mais sofre, de quem grita de dor... Foi isso que fez nosso Deus. Ele foi ao encontro do povo ouvindo seus gritos e clamores (Ex 3,7). Jesus de Nazaré vai para a periferia, vai ao encontro dos marginalizados do seu tempo. Hoje também temos que ir em busca, ir ao encontro dos excluídos, saber quem são, que nomes têm, que situações vivem, por que estão assim. Posso confessar com sinceridade que nunca voltei pior das minhas idas aos pobres e sofredores. O pobre é fonte de graça, poço de água viva, ele dá mais do que recebe...

6.5 *Gratuidade das relações*

Jesus ensinava a orar ao Pai pedindo pelo Reino e para que “seja feita a Tua vontade” (Mt 6,10). Ele rezava: “não se faça a minha vontade, mas a tua” (Lc 22,42). Talvez suas primeiras palavras ao Pai tenham sido “Eis que eu vim Senhor para fazer a tua vontade” (Hb 10,5-7). Devemos ser bons porque o nosso Pai do Céu é bom (Mt 5,43-45), dar e fazer o bem sem esperar a recompensa. Da

⁶ GUTIÉRREZ, G. *Beber no próprio poço*. Petrópolis: Vozes, 1984, p. 95.

mesma forma, devemos praticar o exercício do perdão, como meio de superar as divisões e conflitos. O perdão é gratuito, é livre, faz bem, restaura as feridas...

6.6 Ter momentos próprios

A espiritualidade é um estado de vida, um modo de ser e viver, é uma postura diante da vida... Mas, para alimentá-la e torná-la fecunda, é necessário que “tenha sua hora, seu tempo, seu lugar, seu instrumental...” (Pedro Casaldáliga). Devemos dar passos até chegar ao estado de oração, quando a vida se torna oração. “Minha oração é a história de minha oração” (Jon Sobrino). Não podemos abdicar dos períodos de deserto, de ter momentos para subir as montanhas, ter tempos de silêncio, de escuta, de contemplação... Era isso que Jesus fazia. Hoje também torna-se necessário calar para escutar a voz de Deus.

6.7 Viver o *kairós*

A língua grega tem duas palavras para definir o tempo: a) “*kronos*” é o tempo que pode ser medido, mar-

cado, determinado; b) “*kairós*” é o tempo da graça de Deus. Acredito que neste tempo (*kronos*) que estamos vivendo, estamos também sendo favorecidos por um belo período de *kairós*, de presença de Deus, de busca do novo, de possibilidades novas que se abrem para o surgimento de coisas novas. É tempo de espera, de gestação, de gravidez... Tempo de viver a liberdade “foi para a liberdade que Cristo nos libertou” (Gl 5,1). Os primeiros cristãos eram aqueles que seguiam o Caminho (At 9,2; 18,25.26; 19,9.23) e por isso fizeram caminhada. O caminho do cristão é o caminho da liberdade,⁷ que Santo Agostinho resumiu numa frase “Ama e faze o que quiseres”.

A sociedade atual rompeu a noção de tempo, trabalha-se de dia, de noite e nos finais de semana. Como é necessário resgatar a sacralidade do *Shabbat* (Sábado)! O tempo de descanso, a pausa e a interrupção do trabalho são parte essencial da nossa vida. Até o Senhor descansou! (Gn 2,3). Também acredito que, sem repetir alguns exageros do passado, seja sempre necessária uma certa ascese, para não cairmos na escravidão consumista: “Tudo me é permitido, mas nem tudo me convém!” (1Cor 6,12). Diante de um mundo que nos oferece tantas coisas, temos de saber renunciar a tantas ofertas que não

⁷ GUTIÉRREZ, G. *Beber no próprio poço*. Petrópolis: Vozes, 1984, pg. 94.

são necessárias para a nossa vida e saber escolher somente o que realmente necessitamos. Valorizar o tempo, como forma de dar sentido à existência. “Sonhamos com uma longevidade de 120 anos e não sabemos o que fazer numa tarde de sábado” (Rabino Nilton Bonder).

6.8 Viver o ser humano novo

Recorro ainda ao Apóstolo Paulo que pedia: “Não vos conformeis às estruturas deste mundo, mas transformai-vos renovando a vossa mente” (Rm 12,2). E na Carta aos Efésios pede para superarmos o “homem velho” e revestirmos o “homem novo” (Ef 4,20-24). Falamos pouco hoje do “novo ser humano”. Nos anos 80, a vivência do “homem novo e a mulher nova” era a nossa meta enquanto realização pessoal, pois deste pressuposto viria também a nova sociedade. O novo ser humano não nasce pronto; será forjado na prática, na busca do Reino, no serviço aos irmãos... Ele vai sendo construído pouco a pouco, como Jesus foi construindo e constituindo os seus!

6.9 Postura de abertura

Devemos ser abertos aos outros, ter atitudes ecumênicas e de diálogo, de aceitação do diferente (“o dife-

rente não é contrário”). Como ensinava Santo Agostinho: “Nas coisas necessárias a unidade, nas duvidosas a liberdade e em tudo a caridade”. A tolerância religiosa é necessária e própria de quem tem segurança da sua fé e aceita a alteridade e é capaz também de ver o belo no outro.

A tradição hebraica nos doou uma palavra muito bonita: *Shalom*. Nós geralmente a traduzimos com um único significado: paz. Porém, *Shalom* é mais do que isso: é plenitude, é completeza; dela deriva também a palavra saúde. Ter *Shalom* é ter a harmonia plena: comigo mesmo, com os outros, com toda a Criação e com Deus. Na diversidade há beleza, existem valores que eu não possuo, por isso o outro me completa. O novo que se apresenta hoje está carregado também de valores, de descobertas fantásticas, de potencialidades infinitas.

6.10 Apostar nas “minorias abramicas”

Todo rio nasce de uma fonte pequena, mas é a união das várias fontes que forma o rio. O grupo é necessário, é lugar de partilha e de fortalecimento. Dom Hélder Câmara profetizava a necessidade de união entre os pequenos grupos proféticos que encontrava por todos os lugares onde andava, aos quais chamava de “minorias

abrâmicas”. A aventura espiritual requer a dimensão comunitária, um lugar para partilhar, conviver, sair do isolamento e da solidão do mundo moderno. Hoje também devemos estar atentos aos novos espaços e estruturas que se abrem como lugares de vivência da fé.

Conclusão

Nos momentos difíceis da sua caminhada histórica, o povo de Deus olhava para o seu passado distante para colher as experiências e poder continuar caminhando. Nesta noite escura em que nos encontramos, também só conseguiremos avançar e sair desta encruzilhada se soubermos tirar lições e fazer a nossa caminhada, enfrentando os desafios de hoje. Mas a noite escura é também bela, como um céu cheio de estrelas, infinito, aberto a novos horizontes e universos.

Numa situação histórica onde tudo é passageiro, fugaz e em mudança, creio que são necessários dois movimentos:

a) O primeiro é agarrar-se a algo seguro, então recorrer a uma profunda e atualizada Palavra de Deus, para nos dar segurança, como ensinava Paulo: “Tudo o que se escreveu no passado é para o nosso ensinamento

que foi escrito, a fim de que, pela perseverança e consolação que nos trazem as Escrituras, tenhamos esperança” (Rm 15,4).

b) O segundo momento é atualizar-se, abrir-se ao novo, saber usar a criatividade, deixar espaços para a sensibilidade e para as emoções... É tempo de mudança. Nós também precisamos mudar; devemos, inclusive, nos antecipar às mudanças, provocá-las. Nos momentos de grandes crises na história sempre surgiram homens e mulheres que souberam inovar, formar movimentos novos, ousados... É hora de atravessar o mar: “Diga a este povo que avance!” (Ex 14,15). Foi atravessando o mar e as incertezas do deserto que o povo de Deus chegou à Terra Prometida; é passando pelo inverno que o tempo chega à primavera.

Não creio que não seja o caso de “imitação”, mas é importante que tenhamos modelos e exemplos de pessoas que nos ajudem a viver a nossa espiritualidade. Gosto de Moisés e como ele se relacionava com Deus mesmo em meio aos conflitos; gosto do Profeta Elias que subiu à montanha e acreditava em sinais que cabiam na palma da mão (1Rs 18,41-46) e encontrou com o Senhor na brisa leve (1Rs 19,12); admiro Francisco e Clara de Assis e sua capacidade de inovar; François-Xavier N. van Thuan e Frei Antonio Puigjané, profetas na prisão, perseverantes

e solidários; Teresa de Calcutá e seu compromisso com os pobres; Ir. Dorothy, mártir e profetisa da ecologia e defesa dos pequenos... Mas também tantos homens e mulheres que nos ajudam a alimentar a nossa vida pelo exemplo como vivem neste mundo da pós-modernidade e dão testemunho.

Este não é tempo para voltar para trás, mas de caminhar, abrir sendas novas, apostar no novo... É tempo de travessia. Tempo de não ter medo e ter coragem de arriscar-se, de avançar para águas mais profundas (Lc 5,4). Creio que era isso que o Apóstolo Paulo entendia ao pedir às suas comunidades para que “não extinguissem o Espírito” (1Ts 5,19). Também lá era um tempo novo. É certo que ele também pedia para “discernir tudo e ficar com o que é bom” (1Ts 5,21). É tempo de sair do pequeno mundo antropocêntrico, e abrir-se para a grandeza da obra criada por Deus. É tempo de saber que não estamos sós nesta grande aventura cósmica aberta ao infinito da Criação. Ao mesmo tempo em que tudo é

tão grande e vasto, somos chamados também a cuidar do que é nosso, do jardim em que fomos colocados, cuidar da vida, de todos os seres por menores que sejam. Isso não nos desqualifica, porque mesmo diante de tanta grandeza, continuamos sendo a bela obra da criação, mas com mais responsabilidades e não com poderio sobre os demais seres criados.

Creio que faz bem olhar para o céu e para as estrelas. É tempo de contemplar. É na noite escura que as estrelas são mais belas. A multidão dos cristãos que vieram de todas as nações, tribos, povos e línguas (Ap 7,9), cantaram um canto novo. Eles passaram pela perseguição e se apresentaram diante de Deus chegando “da grande tribulação” (Ap 7,17). Venceram porque tiveram a coragem de manter a perseverança em meio à crise e por isso viram a chegada da nova e bela Jerusalém (Ap 21). Para nós, também é tempo de fazer o caminho novo, é hora de abrir-se ao Espírito que “sopra onde quer” (Jo 3,8), perseverar e aguardar o sol do amanhecer!



Ildo Perondi é frei capuchinho, graduado em Teologia, no Instituto Paulo VI de Londrina, bacharel em Teologia, e mestre em Teologia Bíblica, pela Universidade Urbaniana de Roma. Atualmente, é professor de Sagradas Escrituras e Ecumenismo na PUCPR (Câmpus Londrina) e no Instituto Teológico Divino Mestre em Jacarezinho (PR), assessor Arquidiocesano para o Ecumenismo em Londrina – PR, membro do MEL (Movimento Ecumênico de Londrina) e assessor bíblico da CRB, CEBI e de Escolas Bíblicas para leigos.

Publicações mais recentes:

Caminhando com Clara e Francisco. Petrópolis: FFB, 2000.

Acreditar no pequeno. Revista Estudos Bíblicos, n° 84, 2004/4, p. 48-57.

A Aliança com toda a Criação. Revista Estudos Bíblicos n° 90, 2006/2, p. 11-19.

O filho do pai pródigo. São Leopoldo. Editora Oikos, 2007.

Me verás pelas costas. Curso Bíblico sobre o Antigo Testamento. São Leopoldo: Editora Oikos, 2008.